



ANA CARDOSO PIRES (Lisboa, 1956). Trabalhou em jornais e editoras, em actividades de redacção (O Jornal/Vinhos, Público Júnior), edição (Público/Magazine) e Relações-Públicas (Círculo de Leitores), até 1996. Posteriormente, dedicou-se à tradução como freelance, inicialmente de Informática (Microsoft e Oracle), diversificando depois os temas. Paralelamente, fez traduções literárias e trabalhos de revisão e edição de texto. Apoiou serviços da Presidência do Conselho de Ministros de Timor-Leste durante três anos, ao nível da língua portuguesa.

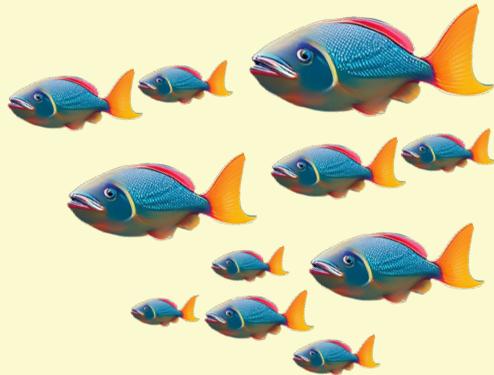
Janeiro de 1995, quinta-feira. Em roupão e de cigarro apagado nos dedos, sentei-me à mesa do pequeno-almoço onde já estava a minha mulher com a Sylvie e o António que tinham chegado na véspera a Portugal. Acho que dei os bons-dias e que, embora calmo, trazia uma palidez de cera. Foi numa manhã cinzenta que nunca mais esquecerei, as pessoas a falarem não sei de quê e eu a correr a sala com o olhar, o chão, as paredes, o enorme plátano por trás da varanda. Parei na chávena de chá e fiquei. Sinto-me mal, nunca me senti assim, murmurei numa fria tranquilidade.

Silêncio brusco. Eu e a chávena debaixo dos meus olhos. De repente viro-me para a minha mulher: «Como é que tu te chamas?»

Pausa. «Eu? Edite.» Nova pausa. «E tu?»

«Parece que é Cardoso Pires», respondi então.

In *De Profundis, Valsa Lenta*, 9.ª edição, Publicações Dom Quixote, 1998, p. 21.



REPÚBLICA
PORTUGUESA
CULTURA

dgARTES
DIRECÇÃO-GERAL
DAS ARTES



**POESIA
NO TEATRO**
PROGRAMA ELABORADO POR
HENRIQUE FIALHO

JOSÉ CARDOSO PIRES
POR
ANA CARDOSO PIRES

16 de SETEMBRO de 2025



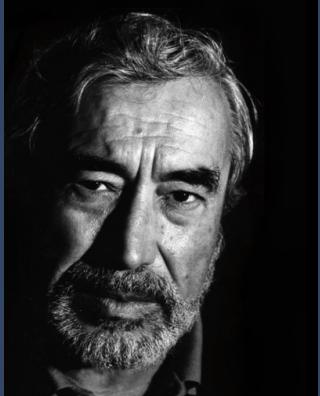


Foto: Eduardo Gageiro

JOSÉ CARDOSO PIRES (São João do Peso, 1925 – Lisboa, 1998) trocou Matemáticas Superiores por diversas profissões, tendo como objectivo tornar-se escritor. Colaborou na imprensa e no mundo editorial. Em 1949, publicou “Os Caminheiros e Outros Contos” e, em 1952, “Histórias de Amor”. Em 1958, surge o seu primeiro romance, “O Anjo Acorado”, e, em 1960, o ensaio “Cartilha do Marialva” e a peça de teatro “O Render dos Heróis”, encenada em 1965. Com “O Hóspede de Job” (1963) ganhou o Prémio Camilo Castelo Branco, da Sociedade Portuguesa de Escritores. Em 1968 publicou “O Delfim”, romance adaptado ao cinema por Fernando Lopes. Leccionou Literatura Portuguesa e Brasileira no King’s College de Londres, escreveu a sátira política “Dinossauro Excelentíssimo”, saída em 1972 com ilustrações de João Abel Manta, entre outras peças de teatro, livros de contos e romances. “Balada da Praia dos Cães”, de 1982, receberia o primeiro Grande Prémio de Romance e Novela da Associação Portuguesa de Escritores, tendo sido adaptado ao cinema, em 1987, por José Fonseca e Costa. Entre outros importantes prémios nacionais e internacionais, recebeu o Prémio Pessoa e foi condecorado com a Ordem da Liberdade e a Grã-Cruz da Ordem do Mérito.

«(...) O falar alto, só para si, é um excitante intelectual, um devaneio dos solitários, sonho ou vingança. Tecem diálogos ao espelho as burguesinhas das vilas, fala o cego para o surdo sobre o mundo que os rodeia. Canta o galo capado, poucos o entendem. E poetas há, por essas secretarias e repartições, que vagueiam alta noite nas ruas da Baixa a esmuçarem conversas de sua imaginação.

É natural. Vivemos numa época em que cada qual fala para si mesmo na companhia de muitos outros.»

In *O Anjo Acorado*, Colecção 40 Anos RTP, Edição TV Guia Editora, 1958, 1990, 9.ª edição, pp. 32-33.

«Sei, todos nós sabemos, como pesa o tempo vencido sobre quem se aventura e recompô-lo. É um eco a sublinhar as palavras, uma ironia que nos contempla de longe, um aviso. Se alguém (um narrador em visita) rememora a seu gosto (e já vê no papel, e em provas de página, e talvez um dia em juízos da Crítica) o final de uma mulher que é de todos conhecido e que está certificado nos autos; se se apega a um punhado de notas tomadas em tempos por desfastio, e se mete agora a entrelaçá-las e a descobrir-lhes uma linha de profecia, então esse alguém necessita de pudor para encontrar o gosto exacto, a imagem exacta da mulher ausente. Necessita de discutir consigo mesmo, à medida que recorda, e assim fá-lo por respeito, pela condição de homem em face da distância e da ausência. É, considero aqui, um ofício delicado contar o tempo vencido.»

In *O Delfim*, 16.ª edição, Publicações Dom Quixote, 1968, 1998, p. 198.

O SONHO

Ela estava, e não estava, diante do relógio duma torre encimada por um ninho de cegonha. Sozinha e sentada numa cadeira, a olhar. E subitamente compreendeu que se encontrava num bar, num bar secreto, pequeno e frio e duma luminosa melancolia. E numa mesa via-se a Maria. A Mana a ler ou a fingir que lia poesia debaixo dum foco de luz.

Ela, Alexandra, aproximou-se para lhe aparecer num virar de página; mas, logo que lá chegou, a Mana, sem levantar os olhos do livro, disse com a maior naturalidade: Fiz isto, conheces? E leu:

Se não passas dum invento,
dum poker de olvidados,
um discursar... (*)

Alexandra reconheceu logo o poema, que era dela e não da Maria, mas não a quis contrariar; a Mana, por sua vez, tinha-se calado e continuava de olhos no livro numa atitude de provocação. Pois é, pensou Alexandra, ela vem a este bar porque mora aqui mesmo atrás, na rua do Bisonte. Então tirou-lhe o livro da mão e viu que estava praticamente em branco e que em todas as páginas só tinha impresso o nome Ruy Belo.

(*) Papéis de Alexandra Alpha, cxa ‘A’. O poema, 12 versos incompletos, está redigido com o título: «País-remorsos, imitação de Alexandre O’Neill.»

In *Alexandra Alpha*, 5.ª edição, 1987, 1998, Publicações Dom Quixote, pp. 240-241.